

O protagonismo juvenil em região de baixa vulnerabilidade social através da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu¹

Priscila de Araújo SAMPAIO²

Wendel dos Santos RODRIGUES³

Reginaldo Gurgel MOREIRA⁴

Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza, CE

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo estuda a atuação de jovens da periferia de Fortaleza na Rádio Escola do Cuca do Jangurussu. O objetivo é de observar o protagonismo juvenil desenvolvido por meio das atividades que o projeto oferta no intuito de contribuir para o fortalecimento da identidade desses jovens em situação de vulnerabilidade social. Baseado nos fundamentos da comunicação comunitária e por um estudo de caso, o trabalho analisou como a Rádio Escola do Cuca do Jangurussu atua enquanto instrumento de transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: protagonismo juvenil; rádio escola; Cuca do Jangurussu; cidadania

1. Introdução

Conceituada pelo dicionário português como “qualidade da pessoa que se destaca em qualquer situação ou acontecimento”, a palavra protagonismo⁵, do grego “*protagonistés*”, é formada pela junção dos termos “*proto*”, que significa primeiro ou principal, com “*agonistes*”, que significa lutador, competidor. Desta maneira, etimologicamente, protagonista quer dizer “o principal lutador” ou “o competidor mais importante”.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Estácio do Ceará, e-mail: priscilaaraujosampaio@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Estácio do Ceará, e-mail: wendelsantos.ti@gmail.com

⁴ Professor Me. do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Estácio do Ceará. Doutorando em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA-UECE). Coordenador do Projeto de Extensão Violência Linguística no Discurso Publicitário do Centro Universitário Estácio do Ceará. Bolsista de Pesquisa Produtiva da UNESA, e-mail: regigurgel@hotmail.com

⁵ Disponível em: Dicionário de Significados. **Protagonismo** - <<https://www.significados.com.br/protagonismo/>> Acesso: 27 de jun. 2019

Dentro desse contexto, tal vocábulo, que é muito utilizado no teatro, cinema ou novela, pode representar para alguns apenas o papel mais importante dentre os demais; já para outros, o termo transcende o significado, tornando-se o único e principal meio por onde indivíduos podem assegurar a conquista de autonomia e desenvolvimento pessoal e coletivo.

Sendo assim, o protagonismo, como alternativa de luta e meio de resistência, encontra força frente às desigualdades sociais e outras adversidades, nascendo também dentro das comunidades marginalizadas, onde o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é tão baixo que ameaça as perspectivas de vida e crescimento da população.

Em 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou o aumento do número de cidadãos em situação de pobreza e de extrema pobreza no país, uma consequência da crise econômica que o Brasil enfrenta há cinco anos. No Ceará, o número de pessoas nessas condições de extrema pobreza, com renda inferior a R\$ 140,00 por mês, avançou 0,6% de 2016 para 2017, segundo dados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgada em dezembro de 2018. Ao todo, no estado 13,9% da população vive em extrema pobreza segundo o último levantamento do IBGE, sendo 1.198.254 crianças e adolescentes.

A fim de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto social, as juventudes que vivem em situação de vulnerabilidade resistem e lutam por cidadania, participação e empoderamento, por meio do protagonismo juvenil.

Alimentados por anseios de mudanças e transformações sociais, o protagonismo, contextualizado pelo lugar onde transita a experiência de vida desses jovens, tem como reflexo a intenção pela sobrevivência, já que suas perspectivas parecem ser baseadas pelo consumo das sobras estruturais das políticas públicas ofertadas pelos Governos.

Dentro da comunidade do Jangurussu, em Fortaleza/CE, a realidade não é diferente. O IDH do bairro encontra-se entre os 15 piores da capital cearense, atingindo 0,172, de acordo com o último censo do Índice de Desenvolvimento Humano dos bairros (IDH-B), realizado em 2014.

As condições de vida dos jovens, nessa realidade, são precárias. E é a partir desse contexto que os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), criados e mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, atuam. Na tentativa de garantir proteção e apoio às juventudes da periferia, tornando-se um ponto de transformação na vida desses indivíduos.

Através da oferta de cursos, práticas esportivas, formações e produções na área de comunicação, os Cucas estimulam e fortalecem o protagonismo juvenil em jovens de idades entre 15 e 29 anos, defendendo direitos humanos e promovendo bem-estar social. Uma das ações de destaque é a Rádio Escola do Cuca do Jangurussu, que se funciona como um meio impulsionador da autonomia e do desenvolvimento de seus participantes, a partir do momento em que estes se integram e constroem atividades.

A Rádio Escola tem como finalidade ampliar as relações sociais, fortalecendo a expressão oral, verbal, criativa e cultural, bem como transformar o espaço da comunicação em ambiente educativo, que permita o acesso e a autonomia comunitária.

Além disso, a iniciativa também visa trazer para a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de aproveitamento cultural, através da realização de projetos e programas de comunicação, que tendem a promover, educar e fortalecer a cidadania.

Com base nos dados apresentados, o presente artigo parte dos seguintes questionamentos: como ocorre o processo de transformação do jovem participante do Cuca do Jangurussu em protagonista de sua história mesmo em contexto socioeconômico tão vulnerável que pode pôr em risco sua própria vida? Quem são esses jovens protagonistas da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu? Que contribuições o projeto proporciona ao desenvolvimento do protagonismo? Quais as perspectivas pessoais e sociais desses indivíduos? Quais os impactos desses protagonistas na comunidade?

Baseado nessas problemáticas apresentadas, este artigo objetiva demonstrar a ação do protagonismo juvenil em região de baixa vulnerabilidade, através da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu. Além disso, objetiva-se ainda identificar atitudes protagonistas das atuações na Rádio Escola do Cuca do Jangurussu; apresentar o processo histórico do rádio como veículo de comunicação popular; verificar a contribuição da comunicação para a construção da identidade protagonista de jovem em vulnerabilidade social; e, por fim, analisar a Rádio Escola do Cuca do Jangurussu como instrumento de transformação social entre jovens da periferia de Fortaleza.

No que se refere à metodologia utilizada, cuja abordagem foi qualitativa, realizamos uma pesquisa exploratória, que “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, segundo PIANA

(2009), apud GIL (1999, p.43).

Quanto ao método, lançamos mão também de um estudo de caso sobre a Rádio Escola do Cuca do Jangurussu. Além da observação de campo, foi realizada uma entrevista a três jovens que integram as atividades da Rádio Escola, a partir de um questionário aberto com 5 perguntas. Os critérios utilizados para a seleção dos entrevistados foram o tempo de experiência desses jovens na rádio e a disponibilidade para o projeto. Dessa forma, escolhemos: Suzana Moreira, 20 anos, moradora do bairro Jangurussu; José Vitor Pinheiro, 24 anos, apresentador da da Rádio Escola; e Erivelton Germano, 26 anos, ouvinte da Rádio. Todos são estudantes de Jornalismo.

Para a realização deste trabalho visitou-se o projeto entre os dias 31 de maio e 01 de junho de 2019, e conversou-se com a coordenadora de Comunicação do Cuca, Nicaele Pinheiro, que explicou todo o funcionamento da rádio escola.

O motivo da escolha do Cuca Jangurussu foi o fato de o projeto desenvolver um trabalho social que ofereça e amplie as perspectivas de vida das juventudes da comunidade que vivem com um IDH abaixo de zero. Este trabalho dá visibilidade e busca entender o processo de construção de protagonismo dessas personagens, evidenciando a ação cidadã desses jovens de região periférica dentro da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu e na sociedade, como um todo.

No que diz respeito ao referencial teórico da pesquisa, dentre os autores utilizados, preferencialmente escolhemos Peruzzo (1998; 2004; 2006; 2007; 2010), no tocante à contribuição em relação aos conceitos de comunicação popular e comunitária. Quanto ao tema de juventude e periferia, foram utilizados os trabalhos de pesquisa de Glória Diógenes (1998; 2008; 2012).

2. Comunicação Comunitária e Popular

A comunicação social atua como instrumento e agência social de desenvolvimento dos sujeitos que interagem em sociedade. Em múltiplas formas e meios, as pessoas têm comunicado não apenas fenômenos e fatos sociais, mas sobretudo suas subjetividades, vivências e necessidades, a fim de garantir a existência de si ou/e do seu grupo social. Em vista disso, diante desse contexto e demanda, surgiram iniciativas privadas que passaram a oferecer soluções em serviços especializados no mercado de notícias e mídias.

Tal fenômeno tem sua gênese nas contribuições da prensa gráfica de Gutenberg, ainda no século XV, a partir dos primeiros jornais impressos vinculados aos conglomerados empresariais de comunicação, e se estende até os dias atuais, com *startups* de grande valor para a comunicação digital. Em meio a tantos processos de construção empreendedora fincada na lógica capitalista que visa o lucro, o compromisso social da comunicação com os interesses das comunidades, sobretudo em realidade de exclusão e desigualdade, parece fraco ou, em algumas circunstâncias, até mesmo inexistente, já que essas demandas provêm de uma outra lógica que não é a do capital, mas do bem comum.

Por causa disso, a comunicação comunitária e popular tem um compromisso com a promoção da vida e com a igualdade social, lutando contra as formas de opressão impostas por sistemas marginalizantes. Por isso, uma das mais relevantes características da comunicação comunitária e popular é a democratização da comunicação para que o acesso à informação seja uma realidade efetiva e transformadora nas comunidades e minorias excluídas. Conhecer direitos e deveres é uma missão de todos nós, a fim de garantir nossa cidadania, coletivamente.

Assim, faz-se necessário concordar com Peruzzo, ao afirmar:

Em síntese, a comunicação popular, alternativa e comunitária se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida, que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa (PERUZZO, 2004, p.49).

Com base nessa reflexão, é possível compreender a importância que está no acesso ao poder de comunicar daqueles que, excluídos e impostos a uma lógica predominante das grandes concentrações midiáticas, enfrentam barreiras sociais e promovem a construção de possibilidades de igualdade, não apenas suprimindo necessidades técnicas, mas assumindo papéis importantes na transformação sócio estrutural de um povo.

Dessa maneira, ainda de acordo com Peruzzo (2004, p. 57 e 58), tal práxis de comunicação vai além das fronteiras físicas ou do compartilhamento de ambientes e vivências em comum, já que a noção de comunidade “pressupõe a existência de elos

mais profundos e não meros aglomerados humanos” (PERUZZO, 2006, p. 6) e que “se fundam em identidades, ação conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros”.

Em vista disso, concorda-se com a lógica trabalhada por Glória Diógenes (1998, p.47) ao dizer que “transcender os limites físicos dos espaços que são já “predestinados”, não significa apenas a quebra de barreiras da segregação espacial, mas, também, experimentar um modo de “territorialização” nos espaços integrados à cultura de massa global”. Em tal caso, Diógenes sustenta o argumento de que a quebra de estigmas com participação e autonomia, leva a um desenvolvimento ativo que promove a inserção do indivíduo a um real papel de força e representatividade em seu meio.

Portanto, a lógica da comunicação comunitária é, sobretudo, “a participação ativa do cidadão em todas as fases da comunicação como protagonista” (PERUZZO, 2004, p. 56), propiciando a constituição de processos favoráveis ao desenvolvimento do exercício da cidadania. Além disso, seus desencadeamentos se dão também no envolvimento direto desses indivíduos, sejam eles comunicadores ou espectadores, nos processos que compõem tal ocorrência, possibilitando assim o engajamento na construção dos conteúdos, linguagens e na formação cultural e identitária popular, assim como reconhece Peruzzo (1998, p.156):

A Comunicação popular aborda temas locais ou específicos, tende a despertar o interesse por parte da audiência, pelo fato de o conteúdo e os personagens terem uma relação mais direta com as pessoas. Os programas não são espetáculos a que se assiste, mas dos quais se participa, o que leva a incrementar o processo de construção das identidades e o cultivo dos valores históricos e culturais.

2.1 Rádios Comunitárias: por uma formação transformadora da juventude

É a partir dos anseios desses atores de se autoafirmarem enquanto agentes protagonistas que as rádios comunitárias surgem, apresentando-se como veículos alternativos perante aos desafios de participação e transformação social.

O surgimento dessas rádios comunitárias no Brasil tem início na década de 70, durante o período em que o país vivia no regime militar, tendo os meios de comunicação de massa sob censura e controle da concessão dos canais.

As rádios comunitárias no Brasil atuam como emissoras de caráter público, sem

fins lucrativos, historicamente criadas e administradas, na maioria dos casos, por grupos ou coletivos, que sem encontrar representatividades efetivas na grande mídia, desenvolvem sua própria comunicação, baseando-se em interesses coletivos, assim como destaca Peruzzo, (2010, p.1):

Sua programação é de interesse público e está a serviço dos grupos organizados das classes subalternas e/ou das localidades nas quais se inserem, o que faz com que contribuam para o desenvolvimento social. Fornecem informações e discutem assuntos de interesse local, difundem a produção cultural (entre outras) criada no contexto dos próprios grupos aos quais também destinam sua programação.

Partindo desse pressuposto, Peruzzo (2007, p.46) avalia a necessidade de essa ser um veículo estimulador da cidadania e que contribua para o desenvolvimento da educação e o nível dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas, já que “desempenha importante papel no processo de conscientização e mobilização social sobre questões relativas à vida de segmentos da população” (2010, p.1), enfatizando àquelas mais empobrecidas e discriminadas socialmente.

Por conseguinte, essa autora reforça a compreensão do impacto da comunicação popular nas comunidades marginalizadas, apresentando fundamentos que demonstram o poder transformador na formação construtiva desses indivíduos comunicadores, a partir da lógica de mobilização e conscientização sobre o direito de comunicar. No tocante às juventudes viventes nessas realidades de vulnerabilidade, o envolvimento nas atividades produzidas a partir da lógica desse tipo de comunicação surge como forma de superação a toda uma construção estigmatizada sobre suas perspectivas de vida.

Embora o território tenha o contexto geográfico como componente simbólico de registro de um “lugar” social, assim como afirma Diógenes (1998, p.35), esse território pode representar zonas de recomposição e de identificação entre os indivíduos e os espaços vividos. Nesse sentido, “o território atua, de outro modo, como uma construção cultural, sendo a violência o seu veículo de expressão mais impactante. O território tem a prerrogativa de definir marcas delimitadoras de áreas de domínio (DIÓGENES, 1998, p.36).

Portanto, concorda-se com Diógenes (2012, p.108) quando a autora afirma que “os jovens moradores da periferia mobilizam-se por um sentimento de autoexclusão, de não pertencimento e, controversamente, movimentam-se na busca de oportunidades”, encontrando nesses meios de comunicação alternativa oportunidades de alcançarem

uma transformação pessoal e social.

3. Estudo de Caso: Jovens Protagonistas a partir da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu

O presente artigo foi desenvolvido a partir de visitas ao Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esportes (Cuca) do Jangurussu. Desse modo, é relevante iniciar nossa análise pela apresentação deste Centro, que atua como instrumento de transformação social da juventude periférica de Fortaleza.

A rede Cuca foi criada em 2010 pela Prefeitura de Fortaleza. Sendo composta por três unidades: nos bairros Jangurussu, Mondubim e Barra do Ceará. Os Cucas são localizados em territórios estratégicos, que apresentam fatores sócio territoriais que ameaçam o desenvolvimento e as perspectivas de vida da juventude, especialmente, já que tais bairros apresentam altos índices violência, com mortes de adolescentes.

Dessa maneira, dentro da Rede Cuca são desenvolvidas várias ações integradas nas áreas: educação, esporte, cultura, direitos humanos e comunicação, objetivando assim permitir que o jovem atenda a seus interesses e tenha possibilidades para a sua trajetória de formação e participação ao frequentar cursos, atividades de cultura e lazer, práticas esportivas, programa de desenvolvimento de lideranças e protagonismo juvenil.

Os Cucas também visam garantir processos essenciais para a construção crítica e efetiva no contexto social, possibilitando o redirecionamento de trajetórias de vida. Desse modo, os espaços e as atividades desenvolvidas associam na formação e autonomia articulada, participativa e com condições ideais para o desenvolvimento de habilidades técnicas, artísticas e intelectuais para a juventude.

Dentre as principais atividades de comunicação promovidas, destacam-se a produção e veiculação de programa com e para jovens, dentro da programação de Rádio da Rede Cuca; e materiais colaborativos para as mídias sociais e impressas, como revistas e jornais.

Além de todo o serviço para a juventude, a Rede Cuca também trabalha com as comunidades localizadas no entorno, que se beneficiam direta ou indiretamente e usufruem das políticas públicas que lhes são concedidas. De acordo com o portal Rede Cuca, cerca de dois mil jovens passam pelas ações desta Rede, nos três bairros e adjacências.

3.1 Cuca do Jangurussu

O Cuca do Jangurussu, inaugurado em 2012, foi o último da Rede a ser construído. Não muito distinto dos outros, o Centro é localizado numa área estratégica da comunidade, que proporciona proteção e cuidados aos jovens que lá frequentam, cooperando para a construção de um empoderamento dos jovens da periferia, possibilitando autonomia, aprendizagem, garantia à vida.

O Cuca, dentro da comunidade do Jangurussu é importante pois, a juventude que lá vive carece de oportunidades e aprendizagem, sendo exposta à violência e segregação social. Devido a isso, atua como agente impulsionador da juventude, garantindo direitos e oportunidades de aprendizado, quebrando o estigma da comunidade marginalizada, e é a partir dele que a juventude do Jangurussu pode buscar garantir sua autonomia e conhecimento para diversas áreas e segmentos, de acordo com a sua identidade.

3.2 A história da comunidade do Jangurussu para o fortalecimento do protagonismo juvenil

O Jangurussu foi, em décadas passadas, o grande lixão de Fortaleza, lugar de miséria e violência. O aterro do Jangurussu começou a ser desativado a partir de 1998, dando lugar a um bairro residencial popular, mas que ainda sofre com o estigma da violência, pobreza e exclusão. Em meados de 2012, com as demandas do Orçamento Participativo, o Cuca do Jangurussu instalou-se na comunidade, investindo no potencial artístico e educacional da juventude, reconhecendo projetos já existentes pensados e idealizado novos para os jovens. A comunidade do Jangurussu carrega na sua história dados como o alto extermínio de jovens. Em 2017, foram assassinados em Fortaleza mais de 400 adolescentes de 10 a 19 anos; desses óbitos, 31 foram do Jangurussu, segundo o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA).

Apesar de todos os números, é necessário o fortalecimento de uma rede de apoio para os jovens, a partir disso surge a função da Rádio Escola, para fortalecer a rede de apoio e educar o jovem pela comunicação e garantir a participação e autonomia dele em cada projeto.

3.3 Rádio Escola do Cuca do Jangurussu, transformação e construção da identidade

A rádio escola do Cuca do Jangurussu, é uma rádio comunitária e educativa, que trabalha com os jovens visando o fortalecimento do protagonismo juvenil. É através da Rádio Escola que o jovem parte para a autonomia do protagonismo juvenil, a partir do momento em que ele integra e participa de todas as atividades que a rádio escola proporciona.

Nenhum jovem participa da rádio desacompanhado, a Rádio Escola carrega consigo, os supervisores de comunicação, técnico de rádio e assistente de comunicação, em sua estrutura técnica. Os projetos que são desenvolvidos garantem a participação de todos na criação e produção de conteúdos.

A participação do jovem dentro da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu começa com o lançamento dos editais de comunicação, onde os jovens se inscrevem e passam por um processo de seleção. Dentro dos projetos de comunicação, destacam-se os programas: Repórter Cuca (cobertura jornalística das ações do Cuca); Interamix (revista eletrônica e podcast); Somzeira (programação musical, com debates); Momento ao Vivo (utilidade pública, notícias e entretenimento) e Cuca Saudável (*flashes* informativos reproduzidos também na rádio Terra do Sol FM da Prefeitura de Fortaleza e Universitária FM, da UFC).

Por mais que a Rádio Escola funcione internamente, e seja dentro do espaço físico do Cuca, ela é expandida para outros locais, fortalecendo assim a Comunicação Popular e a Comunicação dentro das periferias. Partindo de toda essa ideia e participação da juventude, a Rádio Escola do Cuca o Jangurussu é a origem do protagonismo juvenil e transformações para os jovens.

3.4 Jovens protagonistas: Relatos de experiências

Suzana Moreira, 20 anos, moradora da comunidade do Jangurussu, afirma que o jovem inserido dentro das regiões vulneráveis tem certo risco, pois todo aquele ambiente pode convergir para o universo das drogas, prostituição e alcoolismo, e os Cucas são, para ela, centros culturais de refúgio, base para aquela juventude que ali vive, servindo para descobrir talentos e para o jovem não enveredar por caminhos errados.

A estudante comenta que a realidade do jovem inserido no contexto de vulnerabilidade social é alarmante e complicado, “vemos exemplos de vários jovens,

que se perdem na vida do crime e de outras ilegalidades, que não tiveram oportunidades adequadas no estado, para fazer com que a sua juventude, fosse uma juventude saudável e conseqüentemente com mais oportunidades”, afirma a jovem que se sente um exemplo para as pessoas que até o momento não tinham nenhuma perspectivas de vida e aprendizados futuros. “A rede Cuca amplia seus horizontes, você acha que sabe de alguma coisa, porém a vivência e a troca de experiência é tão grande que o aprendizado é constante e muito, mais do que você imaginava”, destaca Suzana.

Ela ainda afirma que passou a ter uma noção maior da sua vida profissional: “Saí do óbvio, entendi que a profissão de ser um comunicador vai além daquilo que o mercado disponibiliza para gente (...). A função da Rede Cuca e da rádio escola é exatamente essa, sair do óbvio, ter a capacidade de pensar além do seu ambiente”.

Suzana fala de toda oportunidade que a Rede Cuca, por meio da Rádio Escola, proporciona para ela.

Dentro da rede Cuca, o jovem tem acesso a atividades que se estivesse fora do Cuca não teria tanto acesso assim, o Cuca traz esse ar de esperança, um agente impulsionador, várias pessoas empenhadas no meu sucesso, por exemplo, dentro da rádio escola existem vários jovens que possuem domínios com a voz, com texto e roteiro, mas não tiveram tanta oportunidade ou condições de fazer algum curso, alguma especialização, que é o meu caso. Parte de todo o meu saber eu devo todo a rádio escola, ela que me garante aprendizagem e inserção. O Cuca tem essa responsabilidade assumida com jovens de comunidades periféricas a fim de tirar eles da marginalização e garantir o aprendizado.

Sobre a importância de afeto e rede apoio, Suzana fala que a rede Cuca valoriza o coletivo e uma linha de ação humanizada. Suzana avalia que a Comunicação Comunitária possui vários desafios, ainda mais quando não se conhece a área, ela relata como está sendo sua participação dentro da Rádio e a sua construção de saber: “através da Rádio Escola que eu tenho a liberdade de falar sobre algum tema que na grande mídia você talvez não teria, então diversifica e atende a todos os públicos.”

Sobre a democratização da comunicação e a linha de ação de Rádio Escola faz, ela acredita no pertencimento de lugar que essa Rádio proporciona. “Tudo que produzimos na rádio escola nos faz crer na valorização da comunidade como protagonista (...). Então vem quebrando todo um tabu de marginalização (...), a partir disso a comunidade se reconhece, valoriza e tem orgulho, um sentimento de pertencimento.”

Suzana finaliza comentando que a Rede Cuca, proporciona para ela: “eles plantam sementes em cada um de nós, acreditando sempre na nossa capacidade de aprender e trilhar nosso caminho, a rede Cuca é um espaço de promoção de paz, dentro da periferia de Fortaleza”.

Já para José Vitor, 24 anos, onde a Rede Cuca além de diversão e aprendizagem também é seu ambiente de trabalho e descoberta de novas amizades, ele afirma que se sente bastante privilegiado e não se sente tão vulnerável assim, mesmo vivendo numa região de mortes de adolescentes. É graças a Rádio Escola que ele pode aprender e ser protagonista do ambiente em que vive. José Vitor afirma também sobre a invisibilidade do jovem periférico, às vezes o jovem não conhece e se esconde, e tem medo, sofre preconceito “para mim ser protagonista de uma região assim é sorte, eu fico feliz de verdade”. celebra.

Vitor comenta também sobre a importância do Cuca na vida dele e a linha de atuação da rede para a juventude do Jangurussu:

A importância é grande, todo mundo é bem-vindo, todo mundo tem na cabeça a revolução a vontade de mudar de querer estar presente em todas as ações da rádio, não existem preconceitos, não existe diferença, e existem várias histórias de superação das pessoas que saíram da rua e foi pra lá e hoje são protagonistas também, pessoas que vinham em outros tipos de situações e hoje são protagonistas, os jovens são pessoas que aconselham outras pessoas a sair desse mundo ruim e ir pra o Cuca, porque lá tem um leque de oportunidades muito bom, então o jovem que vai para o Cuca mesmo que seja um contato mínimo sai com a cabeça de outra forma.

O jovem finaliza falando das mudanças da sua vida e o engajamento dentro dos projetos: “Depois da Rede Cuca, pessoalmente falando eu era uma pessoa bem tímida e fiquei melhor depois do Cuca, adquiri muito conhecimento e me aproximei mais ainda da comunidade, não só da minha, mas de outras e a gente adquiri muito conhecimento.”.

Ele ainda aponta a Rádio Escola como agente transformador e impulsionador da Juventude “Sempre quis fazer comunicação, gosto muito da área, mas eu não me conformava com aquilo que a grande mídia produzia ou fazia, queria mesmo era me comunicar para os jovens, uma maneira desconstruída e inovadora”, comenta

Além de toda a linha de protagonismo e aprendizagem, proporcionados pelo Cuca, o estudante de jornalismo, Erivelton Germano, 26 anos, além de ser um jovem comunicador também é ouvinte da Rádio Escola, ele expõe sua relação com a rádio e o seu protagonismo, aprendizagem e resistência: “as pessoas devem acreditar em si

mesmo, independentes de cada região, se ela tem um foco ou um objetivo, ela deve ser sim ser seu próprio protagonista, para poder alcançar seus sonhos e objetivos”.

Sobre o papel da Rádio Escola na sua vida além de todos os projetos, ele pontua a importância dessa rede para tirar os jovens da marginalidade, “Para mim foi uma das melhores e maiores coisas que a prefeitura pode ter feito pelo jovem de Fortaleza, porque existem várias culturas reunidas em um só lugar, me sinto eu, sem amarras (...) o jovem que vai pra rede Cuca é um jovem que busca oportunidade, ou que não teve tantas oportunidades na vida”.

Além disso, Erivelton destaca o processo de transformação em sua vida que a Rádio Escola proporciona para ele “É a minha carreira, é o meu aprendizado, é a minha vivência, é o processo de desconstrução do jovem periférico, onde eu posso estar ocupado todos os espaços, sem medo de ser feliz”, finaliza.

4. Considerações Finais

Frente a todas as colocações aqui abordadas, este artigo se destinou a compreender o desenvolvimento do protagonismo juvenil, em situações de regiões baixa vulnerabilidade social, a partir da Rádio Escola do Cuca do Jangurussu, que estimula por meio de ações a participação e engajamento dessas juventudes num processo de protagonismo.

A partir de contextualizações teóricas e referenciais, os relatos de experiências dos jovens participantes comprovam a efetividade das atividades dos Cucas, em especial a Rádio Escola, como alternativas de afirmação e engajamento, quebrando barreiras e estigmas sociais. Todos os entrevistados destacaram a importância da Rádio Escola como oportunidade de crescimento, em que eles souberam utilizar e apropriar-se. Assim, o Cuca, para eles, tem sido de importante apoio na formação humana e desenvolvimento profissional.

Dessa maneira, foi possível compreender a importância da Rede Cuca e do Cuca do Jangurussu como rede de apoio e proteção para os jovens. Concluímos satisfatoriamente o artigo, uma vez que, os objetivos foram contemplados. Entretanto, observamos que outros futuros estudos podem ser feitos aprofundando a narrativa das juventudes frente ao protagonismo advindo do Cuca, evidenciando outras abordagens teóricas.

Referências Bibliográficas

DIÓGES, G. **Juventudes, violência e políticas públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte**, 2012 – Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21358/1/2012_art_gmsdiogenes.pdf. Acesso em 19 Jun.2019

DIÓGES, G. **Cartógrafias da Cultura e violência: Gangues, Galeras E o Movimento Hip Hop**, 2008- Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4060/1/1998_Tese_GMSDiogenes.pdf . Acesso em: 19 Jun. 2019

Escolas Transformadoras: **Protagonismo Juvenil** – Disponível em https://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2017/06/AF_Protagonismo_PORTUGUES_v3.pdf. Acesso em: 20 Jun. 2019

G1. **Número de Cearense em extrema pobreza aumenta em 83 mil** – Disponível em <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/12/05/numero-de-cearenses-em-extrema-pobreza-aumenta-em-83-mil.ghtml>. Acesso em: 22 Jun.2019

G1. **Ceará tem mais de um milhão de crianças e adolescentes em situação de extrema pobreza** – Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/ceara-tem-mais-de-um-milhao-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-pobreza.ghtml>. Acesso em: 22 Jun.2019

G1. **Bom Jardim e Jangurussu são os bairros de Fortaleza onde mais jovens são assassinados** – Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/bom-jardim-e-jangurussu-sao-os-bairros-de-fortaleza-onde-mais-jovens-sao-assassinados.ghtml>. Acesso em: 23 Jun. 2019

Issu. **Histórico Rede Cuca** – Disponível em: https://issuu.com/institutocuca/docs/portfolio_cuca_baixa. Acesso em: 23 Jun. 2019

PERUZZO C.M. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**, 2006.

PERUZZO C.M. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**, 2006. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/947/887. Acesso em: 24 Jun. 2019

PERUZZO C.M. **Rádios Comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM**, 2006. Disponível em http://compos.com.puc-rio.br/media/g6_cicilia_peruzzo.pdf. Acesso em: 25 Jun.2019

PERUZZO C.M. **Educação Comunitária e Educação**, 1998

PERUZZO C.M. **Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil**, 1998. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>>. Acesso em: 24 Jun 2019

Prefeitura de Fortaleza. **Estudo sobre desenvolvimento humano por bairro** – Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-apresenta-estudo-sobre-desenvolvimento-humano-por-bairro>>. Acesso em 26 Jun. 2019

Tribuna do Ceará. **Bairros com presença de facções rivais tem grande número de ataques e menores IDH da cidade** – Disponível em: <<https://tribunadoceara.uol.com.br/videos/jornal-jangadeiro/bairros-com-presenca-de-faccoes-rivais-tem-grande-numero-de-ataques-e-menores-idhs-da-cidade/>>. Acesso em 27 Jun.2019